

TURÍBULOS

O Museu Nacional Machado de Castro conserva um conjunto de dois turíbulos completos e três partes soltas que têm sido datados pela historiografia como sendo do século XIII (O 579; O 580; O 719; O 720; O 718). Na verdade, a datação destas peças de metal é particularmente difícil. No caso dos turíbulos, pela natureza da sua função, enquanto peças sujeitas ao fogo e a movimentos bruscos, o desgaste era mais rápido. O estudo desenvolvido a partir das visitas às igrejas dos territórios das Ordens Militares de Avis, Cristo e Santiago, datadas entre o último quartel do século XV e os três primeiros do XVI, demonstra bem o cenário do que seria a realidade portuguesa da época no tocante a estes objetos, o que nos pode ajudar a entender a realidade das centúrias anteriores: uma parte muito significativa dos edifícios não dispunha destas peças; quando as possuía, estas eram sobretudo de metal não nobre (latão e cobre), sendo as de prata muito raras; as referências a objetos de metal importados, sobretudo da Flandres, são recorrentes; os danos envolvendo as cadeias, os "tríbulos" "velhos" e "desmanchados" e as indicações para a reparação dos mesmos permitem inferir, também, sobre o caráter mutável e da vida relativamente curta destes objetos.

A mesma tipologia de turíbulos subsistiu em muitas igrejas dos vizinhos reinos de Espanha, o que não só corrobora a circulação dos mesmos modelos numa geografia ampla, mas, também, a sua larga produção em oficinas peninsulares. Obtidas pela técnica de fundição, em cera

perdida ou em caixas de areia, deste processo resultavam peças robustas, resistentes e eficazes, que podiam ser facilmente reproduzidas em série, através de moldes. Estas particularidades técnicas determinaram a uniformidade formal que caracteriza estes objetos, o que dificulta a sua datação. Louzao Martinez defendeu a hipótese da sua execução em oficinas galegas, recordando o prestígio alcançado pelos artífices de torêutica desde o século XI, em Santiago de Compostela, hábeis na produção de todo o tipo de objetos de caráter litúrgico. Tendo como base os exemplares estudados na Galiza, o mesmo autor definiu duas tipologias dominantes, executadas em cronologias sequenciais: a mais antiga, correspondente ao século XV e primeiro quartel do XVI, caracteriza-se pela base, peanha e vaso hexagonais, com faces concavas e chaminé escalonada, rematada por uma esfera ou pináculo com argola para a passagem das correntes. Os turíbulos em estudo enquadram-se neste primeiro modelo (número de inventário MNMC 5303 O 579 e MNMC 5324 O 580 e no opérculo MNMC 7100 O 719), subsistindo modelos idênticos em algumas igrejas paroquiais (como na de Vila Nova de Foz Côa) e em museus (MNAA 421 Met; MNSR 67 Diversos). Uma tipologia mais tardia, que se impôs talvez a partir do segundo quartel do século XVI, apresenta o pé circular e formas mais planas e rotundas.

Em termos estruturais, os turíbulos obedecem a uma organização formal bem ajustada à sua funcionalidade que, pela eficácia e resistência, perdurou no tempo, adaptando-se apenas à mutação do gosto. São constituídos por uma

Opérculo O 720 MNMC



Opérculo O 720 MNMC





Caldeira O 718 MNMC



Opérculo O 719. Museu Nacional de Machado de Castro (Inv. 7100, E339). Fotografia: José Pessoa. Direção-Geral do Património Cultural/Arquivo de Documentação Fotográfica (DGPC/ADF)©

base, normalmente pequena e circular no universo formal românico, vaso, braseiro ou caldeira para as brasas e queima do incenso, opérculo ou chaminé, por onde sai o fumo e cinco cadeias (atualmente quatro) de sustentação unidas numa pequena tampa com anel.

Os turíbulo medievais distinguiram-se pela tónica arquitetural dos seus elementos, tendo sido convertidos em complexas micro-arquiteturas, de grande significado simbólico. A partir de um conjunto de cerca de vinte incensórios românicos, Marie-Thérèse Gousset demonstrou como os ourives procuravam recriar a grandeza e suntuosidade da Jerusalém Celeste, nestes objetos essenciais para a Liturgia. A autora analisou as descrições dos dois turíbulo explanados detalhadamente pelo monge Theophilus, nos capítulos 60 e 61 do Livro III, cruzando-as com as peças subsistentes, procurando estabelecer uma relação entre a função e os elementos iconográficos descritos por este incontornável autor. Westermann-Angerhausen, reforçando a leitura de Gousset, estabelece uma relação entre as iconografias e os usos dos turíbulo em contexto litúrgico. Desde finais do século IX, tornou-se prática a leitura do Evangelho ser acompanhada por dois turiferários que assistiam o leitor, incensavam o espaço e o Livro Sagrado, acolitando-o durante a leitura,

dirigindo depois o perfume do incenso *ad nares hominum*. Estes recolhiam o fumo com as mãos e dirigiam-no para as bocas abertas, inalando desta forma as palavras do Senhor. Para além do significado da elevação das orações até junto do Altíssimo pelo fumo purificador, tal como se apresenta no Salmo 140 – *Suba até Vós como incenso, a minha oração* –, os fiéis gozavam, assim, de uma experiência física e gustativa, absorvendo com o corpo e a alma a Palavra de Deus. O outro momento fulcral era o da Eucaristia propriamente dito. Segundo Westermann-Angerhausen, sendo a Missa entendida, ela própria, como uma evocação e representação de uma eterna liturgia celeste, o Sacramento da Eucaristia não significava apenas o supremo sacrifício do Cristo, mas também a antecipação da Parusia, a Sua Segunda Vinda no Fim dos Tempos. Neste sentido, forma, função e decoração do turíbulo dão corpo à natureza litúrgica do objeto, que representa e antecipa aos olhos dos fiéis a visão da Jerusalém Celeste.

Marie-Thérèse Gousset afirma que, a partir de finais do século XII, a complexa composição iconográfica destes objetos simplificou-se (com o desaparecimento das figuras de Anjos, Profetas, Apóstolos, Tetramorfo, Rios do Paraíso...), passando os turíbulo a apresentar estruturas mais simples, mas mantendo o modelo arquitetónico. Na

verdade, estas conclusões devem ser tomadas com algum cuidado. As formas complexas e sóbrias cruzaram-se certamente no tempo e, na maior parte dos casos, só as peças excepcionais (em termos de materiais, técnicas e iconografia) e precisamente por serem excepcionais, lograram chegar até nós. Os inventários e visitas medievais que nos chegaram recordam a necessidade de diferenciar os turíbulos utilizados nas "festas" e os destinados a servir "aos outros tempos". A maior parte dos edifícios sacros não podia dispor de peças tão excêntricas e consequentemente muito caras. As miniaturas contemporâneas exibem-nos estruturas mais contidas e foram essas que imperaram, respeitando, contudo, uma organização arquitetónica. E as que atualmente se conservam nos museus, de dois ou três corpos escalonados, com os vãos retangulares, circulares ou tripartidos, resultam, é certo, de uma evolução formal a que hoje convencionalmente designamos de gótica.

O facto de serem executados maioritariamente em materiais não nobres contribuiu, no entanto, para a sua preservação nas igrejas, sendo menos vulneráveis aos riscos de fundição do que os de prata. Nogueira Gonçalves publicou (incluindo uma reprodução fotográfica que nos permite comparar os objetos) o percurso de duas das peças guardadas em reserva no MNMC (O 720 e O 718), que merecem uma atenção especial e que elucidam bem o cenário já exposto. O autor relata, no curto texto, que encontrou a peça na igreja de Piodão (Arganil, Coimbra), "perdida entre serras", "entre coisas inúteis, detrás de um altar", considerando-a uma "simplificação dos bem trabalhados turíbulos do século XIII". Tendo em conta a datação que atribuiu, mais antiga do que a origem da paróquia onde se encontrava, o historiador sugeriu a possibilidade de a peça ter vindo de outra igreja, eventualmente de Lourosa da Serra (Oliveira do Hospital, Coimbra), à qual o território estivera ligado durante séculos. Sobre a vida da peça, Nogueira Gonçalves pôde confirmar apenas a existência do turíbulo num livro de *Visitações* da igreja de Piodão, do século XVIII. Nessa data, a peça encontrava-se bastante danificada, tendo o visitador episcopal determinado a colocação de umas cadeias novas (os elementos mais frágeis destes objetos) e o concerto "naquelas partes em que se encontrava quebrado". O pé circular e com haste cilíndrica que hoje vemos, apenso posteriormente à caldeira, deverá datar desta cronologia. Ainda segundo o mesmo autor, o objeto "continuou a servir" até finais do século XIX, tendo ficado a partir de então "ao abandono" e caído no esquecimento.

Perpetuando o conceito de micro-arquitetura, a chaminé distingue-se pelo corpo de quatro faces e dois andares, rematada por uma complexa cobertura polifacetada.

Nogueira Gonçalves defendeu que a caldeira O718 fez sempre parte do mesmo conjunto, apesar de não se ajustar perfeitamente ao opérculo. Acrescentou mesmo que "estudando-se com cuidado as linhas do ajustamento numa e outra parte, dando-se um desconto à imperícia do artífice e aos amolgamentos que na sua vida de incensário sofreu, vê-se que elas são concordes (...)". É muito provável que as duas peças não sejam, de facto, contemporâneas, e que a caldeira (o pé será setecentista, como se demonstrou) tenha sido concebida para se ajustar à chaminé mais antiga, por a primitiva se encontrar "quebrada", "velha" ou "desmanchada", tal como refere a documentação. Certo é que Nogueira Gonçalves encontrou-as unidas, fazendo parte do mesmo conjunto, e é essa certeza histórica que devemos respeitar. Na verdade, o carácter unitário de um objeto não tem necessariamente de ser definido pelas conceções estéticas que lhe são contemporâneas, mas pelo modo como o tempo atuou sobre ele.

O turíbulo (opérculo O 720 e a caldeira O 718) constitui um precioso testemunho da viagem e permanência das formas, do carácter híbrido de muitos dos objetos que nos chegaram e da consequente fragilidade dos enquadramentos estilísticos. Não datando certamente do século XIII, como primeiramente propôs Nogueira Gonçalves, mas talvez do XV, esta peça permite-nos hoje viajar até às serranias do interior do território nestes tempos recuados e, de acordo com as palavras do egrégio historiador, imaginar:

"o fumo de incenso evolado deste turíbulo como manifestação da mesma fé que eu guardo, e que êle, modesto, humilde, é como que a ligação de vidas humildes à minha, êle, que já incapaz de servir, encontrou as minhas mãos que lhe pegaram com carinho."

Texto: ACS - Fotos: JNG/DGPC

Bibliografia

ALVES, F., in CRISTO FONTE DE ESPERANÇA, s.v. "Turíbulo", 2000, p. 392; GONÇALVES, A.N., 1930-32, pp. 498-499; GOUSSET, M.T., 1982; IPM, 2003b, pp. 110-114; ROSAS, L.M.C.R., in NOS CONFINES DA IDADE MÉDIA, 1992, Peças n.ºs 152 e 153, p. 233; SOUSA, A.C.C., 2010, pp. 472-479; WESTERMANN-ANGERHAUSEN, H., 2016, pp. 189-211.